

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 590	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	35800	18900	6950	6120	15 DE MAIO DE 1895	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	26000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Um ministro que partiu e outro ministro que chegou. Eis dois importantes acontecimentos políticos, dos ultimos dias. Esses dois ministros são — o conselheiro Thomaz Ribeiro que vae em caminho do Rio de Janeiro e o sr. Assis Brazil que chegou a Lisboa. Esta partida e esta chegada re-

presentam para nós os portuguezes, um acontecimento de alto valor politico e commercial, pois que se trata nem mais nem menos do que o reatamento das nossas relações com os Estados Unidos do Brazil.

Ainda bem. É preciso ir ao Brazil, viver lá algum tempo, observar o aspecto dos edificios, a construção das casas, entrar nos estabelecimentos, andar pelas ruas, fallar com os brazileiros, no mesmo idioma em que nós fallamos, lêr os seus livros e os seus jornaes, escriptos em portuguez, para nos convenceremos, para sentirmos que estamos em um paiz tão intimo do nosso que torna os seus e os nossos filhos todos irmãos.

A sua paysagem difere da nossa, é certo; lá floresce a palmeira, aqui cultiva-se a vinha; ha entre nós o Oceano, mil e seiscentas leguas, mas que importa! — é com a mesma syllaba que dizemos *May!* é com as mesmas letras que escrevemos *Patria!*

O novo ministro do Brazil, o sr. Assis Brazil tem sido alvo de sentidas manifestações de estima e apreço. Acabamos de chegar do Colyseu onde se deu esta noite um espectáculo em sua honra com uma concorrência extraordinaria, vendose na tribuna real S. M. El-Rei e ante-hontem em S. Carlos realisou-se um jantar offerecido a Sua Excellencia. Raphael Bordallo, o

RESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMATICAS ENTRE PORTUGAL E BRAZIL



DR. ASSIS BRAZIL, MINISTRO DO BRAZIL, EM PORTUGAL.



CONSELHEIRO THOMAZ RIBEIRO, MINISTRO DE PORTUGAL NO BRAZIL.

(Copia de photographias)

extraordinario artista fez prodigios de ornamentação. Todo o palco estava transformado em estufa; ao fundo illuminado por transparencia via-se o grande panno do Guarany.

A platéa estava nivelada ao palco e ali emergindo de um macisso de verdura elevavam-se as bandeiras de Portugal e do Brazil. Por toda a parte abundavam em grande profusão e em uma interessante disposição artistica bananeiras, fetos, plantas tropicaes, arbustos raros, etc. Em scena havia muita luz, muitos espelhos e muitas flores, o que deu aquella festa um grande brilho. Os camarotes, estavam cheios de senhoras formosissimas ostentando elegantes *toililes*.

Os convivas eram numerosos e ali se encontravam representados o ministerio, a camara municipal, as altas finanças, a imprensa, as sciencias, as letras e as artes.

Trocaram-se brindes affectuosos entre os convivas, e nunca em Portugal houve referencias mais amaveis ao Brazil, do que n'aquella occasião.

Findo o banquete houve uma *velada* litteraria em que tomaram parte o conde de Monsaraz, dr. Luiz Osorio e Jayme Victor que recitaram primorosamente diversas produções poeticas.

Foi uma festa sob todos os pontos de vista altamente significativa, festa digna de quem a promoveu, do Brazil que bem a merece e do novo ministro em Portugal o sr. Assis Brazil, cavalheiro de uma elevada cultura de espirito, de raro talento e de finas qualidades pessoais.

D'aqui damos as boas vindas a Sua Excelencia.

* *

Hoje os jornaes da manhã lançaram á curiosidade avida dos leitores uma noticia de verdadeira sensação. — Um actual professor do Instituto, um antigo official da armada, jornalista habil e de nomeada orador applaudido, um homem culto em summa e de manifesto valor, acaba de ser preso pela policia, como *maitre chanteur*, como author de uma vergonhosa e ignobil trama. Em um jornal republicano publicara uns artigos bastante aggressivos contra o sr. Carlos Lobo d'Avila, ministro das obras publicas — ao mesmo tempo que procurava escamotear a Sua Excellencia duzentos mil réis, para fazer calar o author dos artigos, author que afinal era elle proprio!

A justiça tomou conta do caso, e eis um homem ao mar! Causa dó sinceramente ver assim, um homem de valor aniquilar-se pelas suas proprias mãos!

* *

O acontecimento de Quinta feira foi a tourada no *Campo Pequeno* com o *Guerrita*, o notavel diestro Hespanhol.

Guerrita é um artista de verdadeiro merito e o publico que enchia a praça fez-lhe uma calorosa e justa ovação.

E um toureiro gracioso elegante, destemido e sabendo a fundo da sua arte. E' o que os hespanhoes dizem — *un toureiro de verdad!*

Augusto de Mello.



AS NOSSAS GRAVURAS

RESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMATICAS ENTRE PORTUGAL E BRAZIL

Portugal e Brazil são paizes cujas mutuas relações se mostram cada vez mais estreitas. Isto se funda, talvez em serem mais do que duas nacionalidades irmãs — são mãe e filha. E com quanto o Brazil esteja emancipado ha tres quartos de seculo, a mãe que lhe dispensou durante trezentos e vinte annos cuidados multiplos, só pôde ver com a maior alegria, com a mais encendrada felicidade, a communhão commum que a harmonia das relações estabeleceu.

E se Portugal acolhe jubitoso, o estreitar dos laços amigos exulta ainda mais porque a terra de Santa Cruz é sua filha — e qual a mãe que se não desvaneca vendo o filho, ennobrecer se, progredir.

E se por um momento — bem longo foi elle, um anno — a diplomacia interrompeu as relações officiaes entre as duas nações; agora n'um anplexo leal e verdadeiro, se unem effusivamente.

E, se tristezas passadas não devem ser contadas, dê-se lugar ás palavras de affecto, palavras que serão ditas na mesma lingua, e que antes de serem pronunciadas já sejam conhecidas, por se verem suspensas dos labios e dos corações.

Terminou, a questão molesta que separava as duas nações, que entristeceu com essa sombra anueadora as gallas do bom convívio.

É conhecido dos leitores o motivo da quebra dos laços sagrados que estreitavam os dois paizes.

Ha que tecer, em louvor d'este restabelecimento de relações diplomaticas, agradecimentos ao governo inglez e ao seu ministro no Rio de Janeiro.

Reatada a affectuosidade reciproca das duas nações, nomearam estas respectivamente os seus ministros.

Congratulando-se com o restabelecimento das relações diplomaticas, que trouxeram affastados e esquivos os dois paizes. O OCCIDENTE, exprimindo a sua profunda satisfação, alegra-se com o termo do conflicto, e apresenta aos seus leitores os retratos dos ministros residentes e do consul geral do Brazil em Portugal.

DR. JOAQUIM FRANCISCO DE ASSIS BRAZIL

Este illustrado cavalheiro é da provincia do Rio Grande e neto de portuguezes, e foi nomeado pela Republica brasileira seu ministro em Lisboa.

O sr. dr. Assis Brazil nasceu na cidade de S. Gabriel, no Estado do Rio Grande do Sul, em 1851, tendo feito alli os seus primeiros estudos, foi, em 1878, para S. Paulo, onde se matriculou na Academia de Direito, terminando o curso em 1882. Durante esse periodo de cinco annos escreveu no jornal academico — *A Evolução*, em que publicou bastantes trechos poeticos notaveis, de caracter politico e philosophico. São d'esta época os seus livros — *Republica Federativa* e *Historia da Republica Rio Grandense*.

A sua carreira academica foi fecundissima em trabalhos de valor, e em manifestações de talento.

Depois da sua formatura redigiu o jornal a *Federação*; sendo em breve eleito deputado á assemblea legislativa, na qualidade de candidato republicano, havendo que notar ter sido o primeiro que conseguiu alcançar essa victoria.

Em abril de 1889 representou o partido republicano do seu Estado, no Congresso Geral que se reuniu em S. Paulo.

Depois de proclamada a Republica, defendeu-a com todo o vigor, já da *Federação*, como jornalista de subido criterio, já na Constituinte como deputado.

Antes da sua eleição, fôra ministro do Brazil em Buenos-Ayres, commissão em que prestou assignalados serviços.

Durante a resistencia ao golpe de Estado o sr. dr. Assis Brazil dirigiu o governo do Rio Grande do Sul, lugar de que pediu a demissão, quando o marechal Deodoro da Fonseca resignou o cargo de presidente da Republica em 23 de novembro de 1891, passando a exercer as suas funcções diplomaticas em Buenos Ayres.

Algum tempo depois foi nomeado ministro plenipotenciario na China, em uma missão especial que foi extincta pelo actual governo do Brazil.

Por esta época publicou o sr. dr. Brazil um novo trabalho — *Democracia Representativa*, livro este que se acha traduzido em hespanhol.

Attentando no que dizemos se vê, pois, o merito do distincto cavalheiro que junto do governo portuguez representa a Republica Brasileira. E' um diplomata cujo valor e creditos estão de ha muito firmados, dando-lhe eminente lugar entre os homens mais notaveis do Brazil.

CONSELHEIRO THOMAZ RIBEIRO

Eis em quem o governo portuguez declinou a honrosa missão de representar o nosso paiz na grande Republica do Brazil.

Escolha divinamente inspirada. Mais acertada não seria facil, porque Thomaz Ribeiro é uma individualidade extraordinaria e privilegiada; possui todos os dotes que tornam um homem distincto e respeitado. Poeta, advogado, orador, publicista e estadista, em todas essas manifestações se tem honrado.

Ao sr. conselheiro Thomaz Ribeiro está reservado o mais formoso papel. Elle que é poeta, elle que em estrophes inspiradas, escreveu o mais patriotico poema — *O D. Jayme* é agora que junto da colonia portugueza no Brazil afinará mais a excellencia do seu amor patrio. Ahi, longe d'este torrão que o viu nascer, elle sublimará o seu affecto pelos seus compatriotas a quem deve merecer a mais profunda sympathia, porquanto elle como

poeta synthetisa o amor da independencia nacional e como ministro a consideração e as deferencias que Portugal tributa ao Brazil.

Auctor laureado, os seus estudos historicos, os livros de viagens, *Delphina do Mal*, *Sons que passam* são obras que no Brazil tem muitos admiradores, do que resulta que o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro é já alli apreciado antes de ser conhecido pessoalmente. A estima que lhe é tributada vae agora augmentar. As suas aptidões são variadissimas, complexas, é assim que tem conseguido louvores, desempenhando cargos de cujo exercicio se guarda memoria de respeito e de sympathia.

Governou civilmente o Porto e Bragança, dirigiu o ministerio da justiça, serviu de vogal no tribunal de Contas, e em todos esses importantes lugares foi sempre um funcionario distinctissimo.

Como secretario geral do governo da India, como ministro da marinha, da justiça, do reino e das obras publicas prestou relevantes serviços ao paiz.

Como advogado, deputado, e par do reino, tem o seu elogio nos inspirados e superiores discursos que se encontram nos annaes forenses e parlamentares.

Nascido na Beira, na pequena povoação de Parada de Gonta, o sr. conselheiro Thomaz Ribeiro possui as qualidades moraes de um coração magnanimo, um caracter interregessimo, affavel e bom.

Foi pois, a sua nomeação uma das mais bem commettidas missões e para cujo cumprimento são penhor os dotes que exalçam o caracter do notavel poeta, jurisculto e estadista.

JOÃO VIEIRA DA SILVA

É o consul geral do Brazil em Portugal. N'este importante logar o illustre cidadão tem cumprido de uma maneira assás distincta os deveres do seu cargo pelo que se vê cercado de respeito e estima.

Modelo dos funcionarios, allia á lucidez do seu espirito superior os mais subidos dotes de coração.

Durante o periodo que estiveram suspensas as boas relações diplomaticas, a missão do sr. Vieira da Silva foi muito melindrosa e difficil. Devido á sua primorosa educação, e á maneira porque soube dirigir-se conclhando sempre com um fino tacto politico e aplanando as difficuldades ou pelo menos não levantando o menor atrito, tornou-se por tudo isto sympathico e querido de portuguezes e brasileiros.

O seu aspecto physico, grandes olhos negros e basta cabelleira, dão-lhe um ar superior que evidencia o quanto vale o seu coração e a sua alma.

O sr. Vieira da Silva é natural do Rio Grande do Sul, ahi nasceu em 1847; está portanto na força da vida. E', pois, de esperar que por largos annos o contemos entre nós.

Funcionario como elle tem o condão de se imporem á estima e á gratidão de todos os que tem a ventura de o conhecer.

A VILLA DE REDONDO

Está situada em uma fertil planicie junto á Serra d'Ossa, na provincia do Alemtejo, 33 kilometros ao N. E. de Evora e 150 ao S. E. de Lisboa.

É cabeça de concelho e de comarca, com 850 fogos, constando o concelho de sete freguezias, Adaval (ou Andaval), Freixo, Monte Virgem, Montanto, Redondo, Santa Suzana e Zambujal, tendo estas freguezias 1:650 fogos e 5:000 habitantes.

O orago da freguezia da villa é Nossa Senhora da Annunção.

A villa de Redondo é povoação antiquissima e o primeiro foral de que ha noticia é o de D. Alfonso III, que lh'o deu no anno de 1250.

Teve depois um foral de El-rei D. Diniz, em 1318, e em 1516 um novo foral de El-rei D. Manuel.

O seu velho castello cuja construcção primitiva se attribue aos romanos, foi mandado reedificar por El-rei D. Diniz, mas de ha muito que cahiu em completa ruina.

Os habitantes d'esta villa são muito laboriosos e tanto a industria agricola como outras suas derivadas tem tido notavel desenvolvimento n'esta fertil e formosa terra do Alemtejo, que entre os brazões que a recommendam, se orgulha justamente de ter sido o berço do grande actor João Anastacio Rosa, fallecido em 1885, e que ali nasceu.

Foi primeiro conde de Redondo D. Vasco Coutinho, que já era conde de Borba, feito por D. João II em 16 de março de 1486.

A esta familia pertencem tambem os marques das Minas de que foi o primeiro titular D. Francisco de Sousa, por mercê de D. Filipe III, em 2 de janeiro de 1608.

SCENAS DO MAR

ULTIMO RECURSO...

As vagas encapeladas, eram montanhas de agua ! Perdido o leme, o navio não tinha governo. A kapa já o não defendia nem ninguem confiava em tal para salvação.

Nem as gavias nos rizes, nem a vella grande ferrada, nem o traquete só sobre amura resistia. Os mastareus tinham sido arreados.

Tudo quanto possível, na arte nautica, contra a força do mar, do vento se tinha feito...

A amura, apesar de ferro, rebenta como se fosse de estoupa !

— Chega p'ros mastros !

Foi a voz que se ouviu do energico commandante.

E um bravo marinheiro, tez crestada pelo sol tropical, barba fulva como a juba do leão, é o primeiro que avança sob uma serra de agua e se abraça ao mastro da prôa...

O momento é terrivel, mas o marinheiro depois de liberto da medonha hymalaia de agua salgada lá está junto ao mastro de machada em punho prompto á primeira voz.

— Corta !...

E elle fecha os olhos se o envolve o mar, ou espera sereno como o representa a nossa gravura.

O mastro está livre, como se vê, brandaes, estaes, exarcias tudo está cortado, só falta bater-lhe de barlavento.

O colosso ferido em cheio, e as machadadas com a ajuda do vento e do mar vae cahir sobre a borda como uma massa inerte, — é esse o assumpto da nossa gravura.

O marinheiro como se vê da estampa fita, de modo ousado, o grande elemento esse enorme doido que se chama Oceano, não o teme, espera apenas a ordem para destruir o que elle mais estima, o mastro de que é gageiro, o mastro que elle conhece desde o porão até ao galope.

E' assim a vida no mar !

Mas retempera os caracteres.

M. B.

«A LYRA DA ALMA»

LIVRO DE VERSOS POR MAYER GARÇÃO

Eu bem sei que as qualidades boas e más de todas as cousas são subjectivas á pessoa que as aprecia. Mas, tambem reconheço que fatalmente tem que existir no objecto condições e propriedades aptas a tornarem-se perceptíveis á comprehensão :

Lendo o livro de Mayer apercebi-me da existencia da philosophia artistica concomitante com a sciencia do bello, e então tentei de uma maneira superior ás minhas forças, encontrar nos versos que constituem a *Lyra da Alma* o desenvolvimento historico do pensamento do auctor, que depois apreciei segundo as theorias de que se occupa a esthetica ; a saber, no caso sujeito : o sentimento e a ideia do Bello na natureza e na Arte ; e, pelo que conclui, digo convictamente que Mayer Garção evidencia a *explendida verdade* que já Plató considerou, e que elle, na ultima poesia do seu livro diz continuar a procurar.

Sem querer valer-me de nomes cuja auctoridade, por serem classicos está hoje, sob a palavra de honra dos que os citam posso fundado exclusivamente em mim mesmo affiançar, que um philosopho critico, encontraria na anthologia poetica a que me refiro a mais perfeita expressão intrinseca e intima de um ideal completo.

Digo, intima, para distinguir o livro de Mayer Garção de uma simples obra d'arte, que, muito embora pareça verdadeiramente bella, só o pôde ser na apparencia, porque só se vê como que animada á superficie ; e, na *Lyra da Alma*, cada verso profundo e penetrado, deixa-nos vêr, a palpitar, a vivida natureza do sentimento do poeta.

Se foi consciente o trabalho de Mayer lá está a dizel-o a propria obra, que, apesar de pautada pela forma, que vou considerar, se apresenta como aquellas pinturas extraordinarias dos celebres mestres, contendo grandes composições, um incommensuravel arrojado de inspiração, em pequenos espaços.

E quanto á essencia que propriamente agora tratei, basta transcrever a poesia seguinte, que desenvolve a synthese mais bella — A Arte.

VIDA DA ARTE

(A PEREIRA BRAVO)

Será acaso a Arte o grande mal
da nossa juventude !
Nas notas de chrystal
a vida e a saude

vôam, dispersas, pelos ceus, além...
Na estrophe vae o nosso sangue, quente
como o leite do seio d'uma mãe.
A cada verso radioso, a gente
dá um pedaço d'alma e coração.
Ha no canto uma luz — luz Infinita !
porque a idéa está, vive e palpita
na férvida paixão !

Tudo isto é bello, verdadeiro e rude...

Tire-se á Arte a mascara jovial !

— Mas será este, acaso, o grande mal
da nossa juventude ?...

Isto de amar a Arte é como, rindo,
ir semeando a vida nos espaços...

— Pois eu quero morrer, prazer infindo !

nos seus marmoreos e sagrados braços !

Eu dou-te a minha vida, e alma, e tudo !

ó deusa seductora !

pelas tuas caricias de velludo,

por teu amor, brilhando em larga aurora !

Eu morrerei por ti, morte febril !

mas tu has de me dar, ó doce amada !

«Poesia — teu'spirito gentil...»

«Forma — tua carne immaculada...»

O que seria a vida, a vida inteira,

Sem um beijo de amor, infindo e breve ? !

— Uma existencia feita uma geleira,

um coração talhado sobre a neve...

Pois isto, isto era vida ? !

Nem um raio de sol n'alma, sequer !

nem um beijo de mãe estremecida,

nem um seio fogoso de mulher !

Era vida esta morte, assim ? ! Cortar

as azas á noss'alma, que é dos ceus ? !

Pois pôde-se viver sem luz, sem ar ? !

Pois tu farias isto, santo Deus ? !...

A Vida é sempre um dia, um dia só...

Dure um seculo, um anno, um mez — que importa !

A Morte tudo corta.

A Força é sempre pó.

A Vida é sempre um dia. — Mocidade !

desprende a alma, a inspiração a flux...

Abre as veias ao sangue da anciedade,

vive o teu dia, coração de luz !

A Arte ! A Arte — que divino sol !

A Arte ! A Arte — que estrelado ceu !

A Vida é um chrysol

e Deus espera aquelle que morreu.

Viver ! Pois sim, viver ! — Vida das almas !

O Genio, a Luz, a Natureza, o Amor...

Cantos ardentes de Alegria, e calmas

estrophes d'oiro, recamando a Dôr...

Seja o Infinito, n'um momento, embora,

em nossos peitos transformado em cantos !

— Eu quero a Arte, e a vida d'uma aurora,

embora a carne se dilua em prantos !

A Arte é isto, pois. A Vida é ella.

Que importa seja um rapido momento ?

— Assim brilha no ceu, candente, a estrella

que atravessa, n'um vôo, o firmamento...

Vae se n'um dia, vae n'um vôo a vida,

mas nosso peito de emoções replecto

viveu mil annos n'uma hora qu'rida...

— Morre sereno, coração inquieto !

MAYER GARÇÃO.

Considero agora, um ponto de vista, a que em todas as épocas se ligou alta importancia. Refiro-me á technica, a essa terrivel technica.

Eu, por mim, tenho pelas theorias uma affeição muito fraca. Sou pois, n'este caso, como em qualquer outro, incompetente. Mas, reunindo n'um só esforço a sciencia de que posso dispôr digo que n'esta exigencia da representação material e artistica do sublime, Mayer satisfaz plenamente pela extrema correção dos seus versos.

Necessitei, pois, para contrabalançar a boa impressão que me deixou a leitura da *Lyra da Alma*, desabafar publicamente o que sinto.

Do que disse, acima, ha a inferir que, Mayer Garção é um poeta de quem ha tudo a esperar, pois começa pelo ponto mais esquecido de ordinario, isto é a perfeição e a congruencia do sentimento elevado com a forma correcta.

ESTEVES PEREIRA.

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 589)

VII

PECCADOS VELHOS

Henriqueta acolheu com alvoroçado prazer a proposta do socio de seu irmão; e a intimidade entre os dois noivos, foi-se estreitando, no antegosto da ventura que os esperava.

Todavia, o casamento foi retardado pela liquidação de certos bens da noiva, principalmente duas grandes quintas que deixara em Portugal ao cuidado da irmã beata, e das quaes se queria desfazer, por ter resolvido fixar residencia no Rio de Janeiro. Placido apressava as diligencias, para concluir sem demora esse negocio; mas as difficuldades surgiam, já por incuria dos procuradores, já porque era difficil encontrar comprador para propriedades tão importantes. O socio impacientava-se, dizia-lhe que deixasse as quintas em paz, até apparecer occasião de as vender: que não lhe fazia falta nenhuma essa irregularidade dotal: que o que elle queria era casar, porque tinha, de sobra, com que manter luxuosamente o casal.

Placido oppunha-se, pondunoroso:

— Não, já que esperaste até agora, has de esperar até que o caso se decida. O dote de minha irmã ha-de ir inteirinho e sem a menor differença; tem paciencia.

No meio d'esta larga expectativa, uma carta de Portugal trouxe ao noivo a dolorosa noticia da morte de seu pae: a irmã, que aquelle successo deixava só, pedia-lhe que fosse a Portugal, buscava para a sua companhia, se elle não queria regressar definitivamente á patria.

O socio, com lagrimas nos olhos, mostrou a carta a Placido e partiu no primeiro paquete, na esperanza de voltar um mez depois, com tudo concluido, para se consorciar emfim com Henriqueta. Esta, ainda quiz obstar á partida, lembrando que a irmã do noivo poderia vir só; mas Placido mostrou inconvenientes, e aconselhou o futuro cunhado a que fosse e tratasse pessoalmente da liquidação dos bens, que retardava o casamento.

Henriqueta, entretanto chorava; nem mesmo esta esperanza de ver, breve, os seus negocios concluidos, vencidas as difficuldades, e o seu casamento realisado emfim, nada disto podia confortar-a, n'aquelle primeiro isolado d'alma. Placido estava attonito com aquellas demasias de sensibilidade, e dizia consigo, frequentemente:

— Se eu encontrasse uma mulher que me amasse com taes extremos, não era mais homem solteiro. Foi feliz, o rapaz.

O socio esreveu logo duas cartas no primeiro paquete que veio de Portugal: uma para a noiva, outra para o amigo. N'esta ultima, dava boas informações ácerca do negocio da liquidação e prometia voltar breve, com tudo resolvido. A carta para Henriqueta, foi mysteriosa: quando Placido lhe perguntou o que o noivo dizia n'ella, a irmã respondeu, córando:

— Coisas sem interesse... Que tudo corria bem... Que voltaria breve...

— Deixa-m'a ver.

— P'raquê ?

— P'ra que ha-de ser? para a ler. Só se o segredo é tamanho que...

— Não, não é segredo — fez ella, cada vez mais enleada. — Mas é que não sei onde a puz... Acho que a perdi...

Placido conheceu que ella mentia, e impressionou-a aquella reserva. Que poderia essa carta dizer-lhe?... Havia pois um segredo entre a irmã e o socio?... Parecia evidente, esta suspeita, visto que, não ignorando elle as particularidades de aquelle affecto, nenhum interesse teria a irmã em occultar-lhe a carta se qualquer coisa mysteriosa não houvesse n'ella. Que seria...

— Nada disse, comtudo: esperou, com vigilante paciencia, os acontecimentos.

Chegaram segundas cartas do socio, para ambos. Placido teve tentações de rasgar o envelope endereçado á irmã; mas conteve-o uma singular repugnancia por tal acção.

D'esta vez, o socio dizia que adoeecera gravemente, com uma molestia singular que os medicos ainda não tinham classificado; esperava, comtudo, um breve restabelecimento, para regressar á sua terra adoptiva.

Depois d'estas cartas, um longo silencio pôz dolorosas inquietações na expectativa dos dois irmãos. E, só ao fim de tres mezes, é que uma

RESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES DIPLOMATICAS ENTRE PORTUGAL E BRAZIL

nova carta chegou escripta por mão estranha, dando desoladoras novas sobre o estado de saúde do socio de Placido, cuja vida, segundo o prognostico dos medicos, era muito duvidosa.

Henriqueta, teve uma syncope ao receber a fatal novidade. Placido, atordoado, foi chamar um medico, seu amigo, pensando a irmã á morte. Este medico era um rapaz que muitas vezes acamaradara com Placido, nas suas folias de solteirão, e que agora, casado de pouco tempo com uma amavel herdeira, só exercia a clinica, por favor, em casa de bons amigos.

Examinando Henriqueta, pareceu alvoroçar-se com os symptomas da enfermidade; e repetiu os exames, como se duvidasse do primeiro diagnostico mentalmente feito. Afinal, receitou e tomando o braço de Placido, arrastou-o mysteriosamente para um gabinete afastado.

— Meu amigo, — disse elle, apenas se viram sós, a minha lealdade, n'este momento, obriga-me a uma bem dolorosa prova; mas não quero deixar-te, por mais tempo, n'uma ignorancia que pode ser prejudicial. Dize-me uma coisa, e desculpa, desde já, o que a pergunta tem de impertinente...

— Que é? Dize. Tu assustas-me!

— Tens absoluta confiança no pessoal da tua casa?

— Porque me perguntas isso?

— Pois bem, mais vale dizer-t'o já... Tua irmã está gravida.

— O quê, que dizes tu?

— A verdade, meu amigo. E já não está muito atrazada, a gravidez, apesar de ella a disfarçar.

— Aquelle maroto!... — exclamou Placido, ao fim de alguns instantes de concentrado silencio.

— Suspeitas de alguém?

— Sei quem é, com certeza.

— N'esse caso, meu amigo, ainda que elle seja o mais infimo caixeiro da tua casa, o melhor é casal-os, sem detença.

— Não, não é caixeiro, nem está no Brazil.



JOÃO VIEIRA DA SILVA — CONSUL GERAL DO BRAZIL EM LISBOA

(Copia de uma photographia do Sr. Camacho)

Talvez a estas horas esteja morto? Mas isto é inacreditavel!... Elle, tão leal, sempre!... Tu tens a certeza de que não te enganas?

— Toda a que se pode ter. Tua irmã não estava para casar?

— Estava. Pois é o mesmo com quem ella estava para casar, que fez essa bonita obra!

— E agora?

— Eu sei lá!... Vê tu, que sorte a minha! Estava cá tão socegado, não me quiz casar para não ter d'estes impecilhos, e afinal... Homem, sabes que mais?... Eu vou mandal-a para Portugal, e que se arranje lá com o maroto do noivo, se ainda o achar vivo. Faça de conta que não é minha irmã.

(Continúa).

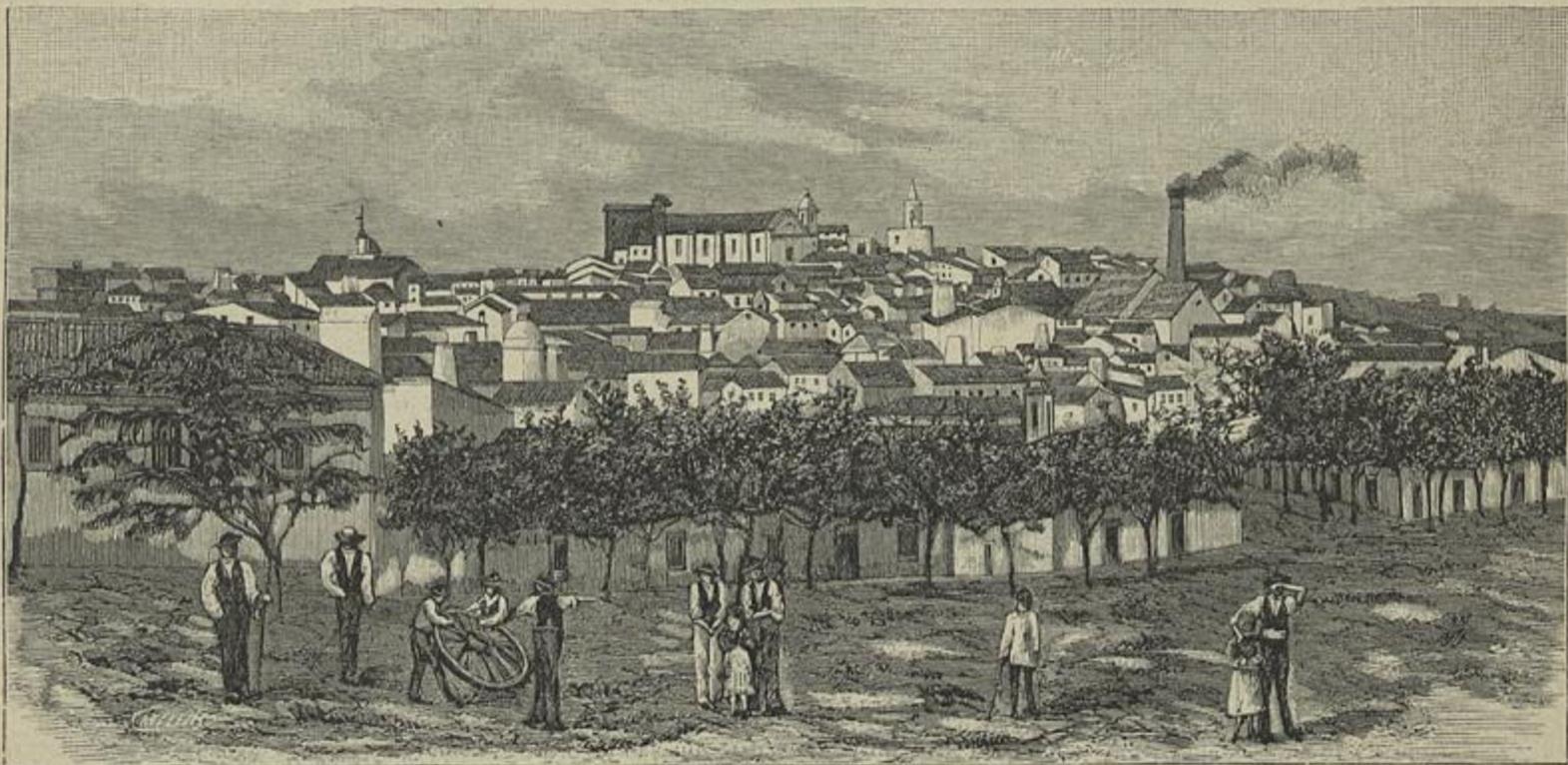
RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

VII

RETIRADAS MEMORAVEIS WELLINGTON E MASSENA

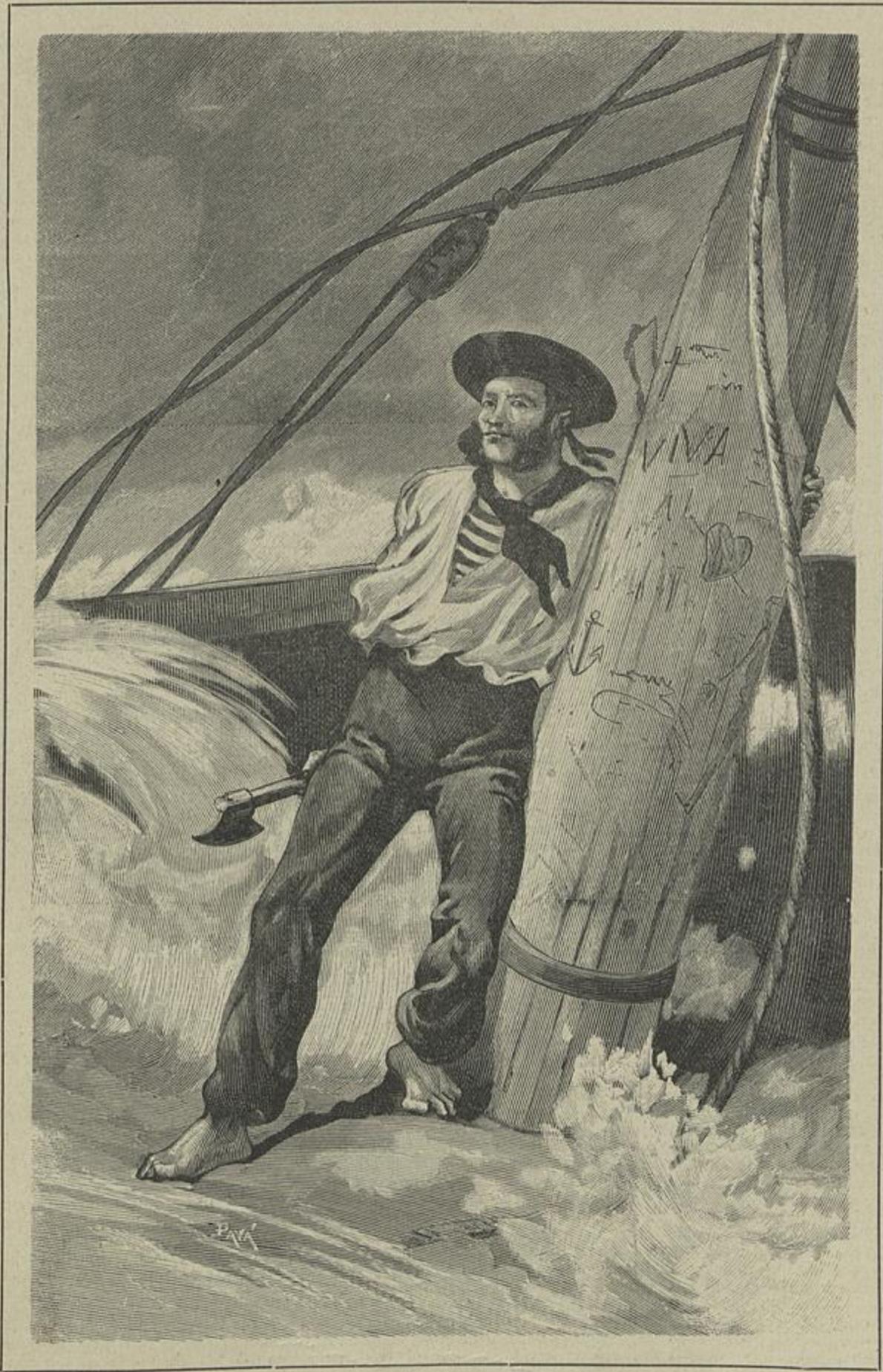
Jogo terrivel é a guerra — todo elle azar e incerteza! — Capitão, que hontem batia em retirada, amanhã, avançando, cingirá, talvez, os louros do triumpho. Perseguido pelo marechal Massena, Lord Wellington recolhe, apressado, ao abrigo inexpugnável das linhas de Torres Vedras. D'ali a pouco, o *filho dilecto da victoria*, acossado pelo illustre capitão das tropas anglo-lusas, transpõe a fronteira, e, de perseguidor, é elle agora o perseguido!

Toda a gente, em França, esperava maravilhas da nomeação de Massena para o commando em chefe do exercito de Portugal. Napoleão ia já perdendo a paciencia com as rivalidades e ciumes, que tão divididos traziam os seus generaes, e confiou ao principe de Essling a direcção das futuras operações dos exercitos francezes na Peninsula, esperando em que a superior jerarchia, e o nome associado á victoria, garantiriam ao marechal a coadjuvação dos subordinados, os quaes, até ali, tinham militado juntos em condições de demasiada egualdade para que podessem sujeitar-se a aceitar de bom grado os pla-



VISTA GERAL DA VILLA DE REDONDO

(Desenho do Sr. Cazellas)



SCENAS DO MAR — ÚLTMO RECURSO

(Desenho de Perea)

nos uns dos outros. Apenas chegou ao theatro da guerra, Massena fez logo entrar em activas manobras o corpo de exercito do seu commando. Executou um movimento em direcção a Vizeu, e Wellington, acto continuo, retirava para alem do Alva.

Os planos do habilissimo general não tardaram porém a ser desvendados por Lord Wellington. Os movimentos do marechal eram manifestamente dirigidos sobre Coimbra, pelo norte do Mondego. Abandonando a linha do Zezere e as estradas de Abrantes, quando não fossem termo da sua marcha as alturas do Bussaco, eram-no sem duvida as da Murcella, que por ambas elevadas regiões seguem as estradas que passam a norte e a

sul do Mondego. Wellington resolveu desde logo effectuar a retirada, plano que sem demora tratou de por em execução. — E que contraste não apresentam a relativa facilidade e boa ordem d'este movimento de regressão sobre as linhas, e a desastrosa precipitação de Sir John Moore em impellir para a Corunha o seu exercito!

Avaliando judiciosamente os recursos que podiam proporcionar-lhe as tropas irregulares do paiz, soube Wellington servir-se d'ellas com o maximo aproveitamento — em quanto que para Moore, em Astorga, o contingente commandado por La Romana pouco mais era que um troço. Na retirada do Bussaco, os chefes dos milicianos por-

tuguezes incomodavam os flancos do exercito francez, e vinham de vez em quando, inquietar-lhe a rectaguarda; entretanto, o coronel Trant, aproveitando habilmente o facto de se haverem retardado, devido ao pessimo estado dos caminhos, a caixa militar e a artilheria de reserva de Massena, tentou, mediante um esforço arrojado, apoderar-se de ambas; e, se acaso a milicia portugueza estivera já, n'aquella época, mais aguerrida, é de crer que o exito tivesse vindo coroar o seu arrojado. Conseguiu, siquer ao menos, pôr em grande confusão o inimigo; tomar-lhe uns cento e tantos prisioneiros; atrazar-lhe dois dias de marcha, e proporcionar, d'este modo a Lord Wellin-

gton tempo á larga, quer lhe fosse necessario, para estabelecer em segurança, no Bussaco, as suas brigadas, destacadamente, nas respectivas posições.

O movimento de retrocesso do exercito anglo-luso é, na minha humilde opinião, feito militar sem exemplo: espectáculo deveras importante, quanto estranho.

Ponderadas as circumstancias, nunca se viu retirada conduzida com melhor ordem. O tempo conservou-se excellente até que a infantaria recolheu ás linhas. Em Coimbra, Condeixa, na Redinha e em Leiria, as tropas entraram a desmandar-se, e a tal ponto chegaram os abusos, n'esta ultima localidade, que Lord Wellington teve de por cõbro, com pulso de ferro, ao augmento de tal desordem.

Chega, enfim, o exercito ás linhas e, aos olhos dos que a iam occupar, patenteia-se posição tal, que só a actividade admiravel dos Romanos poderá ter egualado, mas, de certo, nunca excedido. — Este grandioso empreendimento militar acha-se, aliás, profusamente descripto em todas as historias da campanha.

Massena, aproveitando uma vereda que, atravez da Serra do Caramullo, abre communicação com a estrada de Coimbra, mandou avançar piquetes até á Burjalõa, e obrigou Trant a passar o Vouga — evitando d'esta forma as alturas do Bussaco e torneando, pela estrada do Porto, a esquerda d'aquella posição. Em quanto, porém, os francezes atravessavam a serra a marchas forçadas, tinham os alliados já descido para as regiões planas. A rectaguarda d'estes estava já em Fornos, a 30 de mez; e, no dia seguinte, marchava atravez de Coimbra.

Deu-se aqui uma d'essas scenas de confusão, companheiras inseparaveis de todas as retiradas, a qual, por pouco, não envolveu uma divisão britânica em perigoso conflicto com a linha avançada do inimigo. Quando appareceu, em força, a cavallaria franceza, a divisão de ligeiros, que formava a rectaguarda, investiu a todo galope pela cidade, para ir, a grande pressa, occupar as passagens de Condeixa. O apego ao lar é sentimento innato no homem: este não abandona sem saudade ainda mesmo a mais humilde choupana. Com quanto houvessem retirado muitos dos habitantes de Coimbra, o numero dos que ficaram era, comtudo, maior; e, quando souberam, de chõfre, que o inimigo vinha avançando, fugiam todos á pressa, uns, carregando com quanto possuíam mais valioso; outros levando nos braços as creanças, os velhos e os enfermos. A chusma desordenada de homens e de animaes atravancava completamente a ponte e empecia a estrada; os foragidos entraram n'ella de roldão com os soldados, — e succedia isto no momento em que a cavallaria franceza, atravessando o rio a váo, ameaçava os flancos e a rectaguarda do exercito.

Em tal estado de confusão e desordem bastaria um regimento de infantaria para destruir a divisão, embaraçada qual ella se achava, n'um reconcavo, e totalmente, impedida de avançar, de retirar, ou de se repartir para qualquer lado. Porfim, um troço de infantaria consegue romper atravez do flanco direito; e, á força de muito trabalho, desobstruir a estrada para abrir caminho á artilheria; porém, só ao cair da noite logrou a divisão chegar a Condeixa, posto a distancia seja inferior a oito milhas. O quartel general ficou essa noite na Redinha, e, no dia seguinte, em Leiria.

A excepção, talvez, d'aquelle incidente unico, nunca houve retirada levada a cabo com tão singular perfeição; podendo affirmar-se que qualquer marcha forçada teria produzido maior numero de accidentes e de perdas do que resultou d'este movimento retroactivo de cerca de 200 milhas. Seria impossivel ter se levado a bom recado com menos funestos resultados para as tropas: — nem um unico desgarrado cahira em poder do inimigo; nem um canhão só que fosse, nem sequer o minimo artigo de bagagem se perderam. O inimigo jámais logrou avistar a infantaria, — a não ser no Bussaco, onde esta lhe deu batalha e o derrotou completamente; e só a cavallaria, á sua parte, foi tomando pelo caminho mais prisioneiros; de que os alliados tinham perdido; circumstancia que não apresenta precedentes, em retirada alguma, que me conste. Entrou pois a confiança no animo da tropa, o exercito convenceu-se que o seu commandante em chefe não tencionava abandonar a contenda; que não nutria projectos de embarque e, antes pelo contrario, vinha pondo em execução um plano premeditado — e que era homem para o levar a cabo. Quando, porém, entrou nas linhas que já guarnecer, a sua surpresa não foi, de certo, menor que a do proprio Massena, ou a do seu exercito, ao observarem a previdencia com que tudo ali fora disposto, e a peri-

cia que lograra tornar inexpugnavel tão soberba posição!

Fora tudo de antemão combinado para o occupamento das linhas, e distribuíram-se pelos diversos pontos fortificados as respectivas divisões. As brigadas de cavallaria estavam postadas em segunda linha e entre as aldeias que ficavam do lado esquerdo; e, com essa forte convicção que resulta da absoluta seguridade, os alliados alli estavam, afinal, perfeitamente tranquilos, impavidos, em frente de um inimigo que os viera perseguindo, com a plena certeza de que, antes de muito tempo, estariam trocados os papeis, cabendo-lhe a elles em breve o de perseguidores.

(Continúa)

Spectator.

ARVOREDOS

Assim denominou o sr. Teixeira de Queiroz, um primoroso livro de contos, de que nos foi muito amavelmente offerecido um exemplar pelo editor sr. Antonio Maria Pereira, que bem pôde ser considerado um benemerito das letras portuguezas pela assiduidade e coragem com que está lançando. no limitadissimo e raro concorrido mercado litterario portuguez, novas edições cuidadosamente editadas e algumas até de luxo, como a de que vimos de fallar.

Effectivamente o livro *Arvoredos* do sr. Teixeira de Queiroz é um conjunto de arte em que aos primores da prosa do auctor da *Comedia do Campo*, corresponde os primores da edição, um mimo, em formato *diamante* com umas illustrações *chic* do sr. Casanova.

Os dez contos, de que se compõe o livro *Arvoredos*, são dez quadros da vida dos campos, observados e descriptos com superior talento, por quem conhece perfeitamente aquella vida e a lingua nas suas mais puras nascentes, e se o festejado auctor da *Comedia do Campo* e da *Comedia Burqueza* destaca vigorosamente no meio dos romancistas do nosso tempo, pela finura e arte dos seus quadros, muito se sobreeleva pela pureza da linguagem, que tão achavascada anda por ahí em lettra redonda.

É um acontecimento para as letras patrias, o reaparecimento do sr. Teixeira de Queiroz no nosso movimento litterario, e oxalá que volte a retomar o seu logar na arena, que tão minguada vae de talentos do vigor e brilho do auctor do livro *Arvoredos*.

Seja-nos permitido transcrever aqui um dos formosos contos de que se compõe este livro, e assim melhor poderá avaliar o leitor as bellezas dos *Arvoredos*, quadros de artista consumado, a que não falta a firmeza das linhas, nem as harmonias da cõr.

Escolhemos ao acaso; o primeiro que se nos depara no livro:

PASTORAL

I

As cabras e as ovelhas, iam a meia encosta, todas n'um carreiro, como formigas. Tinha sido longa a noite d'abstinencia no curral e pelo caminho, ás furtadellas, abocavam as hervagens avulsas, ruminando-as sofregamente. O Rabicho, sempre adiante, como explorador. Vivo e esperto, n'um relance conheceu a impaciencia da Tonia, por não andar mais depressa. «Lá p'ra riba, cão!» — gritára-lhe a pastora, e logo elle subiu a um penedo, deixando passar todo o rebanho, que depois impelliu para a frente, com duas boas torquezadas de seus dentes. Os animaes correram á porfia, vencendo-se uns aos outros. A rapariga ficou distanciada, a fiar a sua lã, cuja tarefa, para um dia, levava na abada junta com o presigo. E para não auctorisar novas investidas do rafeiro berregou-lhe de novo: «Tó, dianho! tens muito dente!...»

N'esse dia encaminhava-se ella para o Guidon. Perto de lá, na bouça de João-Paz, deixára escondida a tigela das sopas de leite. No caminho encontraria o Chico, pastor seu amado, e ambos juntos e unidos iriam espreguiçar-se por baixo das fragas ou no interior dos frescos giestaes. O Guidon, quando o maio é soalheiro e formoso, tem as melhores pastagens dos arredores. O tojo, nos sitios onde se fez queimada, borbulha, tenro e verde, como herva nos lameiros. Os gomos d'urze parecem microscopicos pampanos. O rosmaninho, o trevo, o rico e nutrieiro feno desabrocham em aromas e enfeitam a serra. Leite filho d'estas plantas silvestres, delicadas e cheirosas, é o mais gostoso e substancial. Por isso, no pasto

das terras baixas e frias, que não sobeja da boiada, n'esta época de lavradas, é preferido o dos pincaros, alegres e soberbos. Coisas da bruta experiencia, que os seculos tem garantido.

Chegado o rebanho ao sitio onde na vespera o lobo roubára um tímido cordeiro, a ovelha-mãe, na expressão de saudade, balou dolorosamente. Ao longe respondeu-lhe a voz tremula d'outra ovelha, como se fõra um echo. A pastora logo correu ao alto para alcançar mais com a vista. Imaginára estar p'r'álli aquelle a quem se votára. Ia ser um dia festival, ao encontrarem-se na suprema mudez da serra, protegidos do calor á sombra dos piornos, contemplando-se n'um vago absoluto. Em taes momentos accelera-se a imaginação; os ouvidos inattentos ensurdecem; a mente fica-se n'um pasmo; o mundo figura-se um lago tranquillo e morto; o azul do céu, onde se perde a vista, é d'um terrete insondavel; o coração bate forte e rapido, como um bom potro, galopando solto na campina!

Porém, o que veria a Tonia de suspeito e desagradavel?! A expressão do seu rosto suave e louco, carregou-se de sombras; o gesto foi de arremesso e contrariedade; os olhos fisciaram de subita colera!...

Ah!... Em vez do Chico, appareceu-lhe o outro, o Russo, um grande e forte, de cabellos vermelhos e physionomia diabolica. Coruscava-lhe a vista inquieta, pequeninas sardas picavam-lhe a pelle, a cabeça era uma tormenta de fogo!

Quão diferente o seu namorado, rapaz franzino, d'aspecto juvenil, rosto comprido a Nazareno, cabellos negros e mal cuidados, formando sobre a fronte um tufo revoltado d'anneis. D'aquelle todo sahia a expressão que a enlevava; da expressão desdenhosa ou indifferente a superioridade com que a, submetera; das palavras simples, a musica dos seus ouvidos e da sua alma inteira. Como era bello e encantador de costas sobre os penedos, a contemplar o céu n'um sonho de poeta! Como era amoroso e vago, quando tocava na flauta, coisas que não aprendera com viv'alma!

O Russo decerto lhe queria com mais gana, com mais aquella, bem lá do fundo. Ao enxergal-a, desabrochando com a aurora no alto do monte, como subita e incomparavel flôr, todo se alvorçou. Nos olhos e em todo o rosto mostrou um pasmo tonto, um riso sem valor, como aconteceria ao cego, cuja retina morta sentisse inesperadamente a gloriosa illuminação do sol. Correu para a abraçar no primeiro impulso; mas logo estacou contemplando a distancia. Ella, no alto onde se quedára, de roca á cinta, o lenço claro apanhando-lhe os cabellos, o recorte da sua figura desenhando-se no ar, era a pastora das lendas, calma e prophetica. O Russo percebendo o animo hostile com que a Tonia o recebia, acendeu-se-lhe na alma a raiva e o ciume:

— Querias ir só com o outro? Não, que não!...

— Bem se me dá!... — retorquiu desdenhosa.

Tempo perdido, meu rico!

— Que lh'achas tu? Um lesma, um gomitado. Cá, sou um home. Elle...

A Tonia espertou-se:

— Mal comparado! Tu és um diabo, um porco bravo. Estafermo! Elle é lindo, como um anjo do céu!

A furia do Russo cresceu:

— Sou capaz de o esborrachar na unha, como um piolho, demonios me nunca levem!

Tinha lagrimas de raiva, ao pronunciar a jura. Era paixão antiga e abrazadora. Desde os quinze annos, ainda aquelle corpo de rapariga era como um castanheiro novo, já elle a via constantemente na transparencia dos luars outonaes. As moles graniticas, penduradas eternamente dos pincaros, e resequidas pelo sol d'um infindavel agosto, não teriam mais firmeza, nem mais calor do que elle. O ciume era no seu corpo um moer lento e occulto, tal o fogo que mina a urze escondida na terra para a transformar em carvão. Condemnado por aquelle repulsa constante, sentia-se desprezível e desejava morte, em que soffresse muito. Comtudo não podia despegar a propria vida d'aquelle sonho malaventurado. Em presença da Tonia, a natureza ruiva e colerica aloirava-se-lhe n'uns cambiantes meigos e suaves. O mais tenro anho das suas ovelhas, não tinha para quem o aleitava tanto carinho e agradecimento, como elle mostrava áquella rapariga, n'uma submissão de coisa bruta. Comtante que o amasse, se a sua vontade d'ella fõra vèl o apodrecer no fundo d'uma cõrga, para ser alimento das aguias e corvos, ir-se-hia lá deitar voluntariamente e nunca mais comeria! A preferencia pelo outro é que o humilhava, na sua consciencia de homem forte e magnifico. Quedava-se a scismar de noite no que teria de superior, esse engelhado, tão magro e pequeno como uma lavandisca. O corpo não, que o seu

era grande como uma torre e devia inspirar sentimento de força. A paixão que lhe fervia lá dentro, longe de ser molhanqueira, mostrava-se vehemente e feroz, tal a das lobas a defenderem os filhos. Aquella rapariga airosa, divina imagem de qualquer santa, voz musical como a dos passaros, tranquillo olhar como o da lua, aniquilava-o com a sua nervosa malquerença. Até ahí, nada a pudera abrandar: nem lagrimas soluçadas de brucos sobre os penedos; nem supplicas mais ferventes do que orações; nem juras e promessas inabalaveis como o céu. Diante das vontades e caprichos da pastora, era humilde e cego. Quantas vezes lhe ficara com a rez, para a deixar correr monte, talvez á procura do outro? Quantas vezes lh'a fôra buscar ao curral e lh'a apascentara durante dias, para que ella fosse ás romarias, com os ranchos que passavam?! Até sacrificava o seu rebanho, pois dirigia o da Tonia para as melhores pastagens. Se tinha leite novo, logo lh'o offercia como um presente; se encontrava tortulhos assava-lh'os e ella comia-os: para que não bebesse agua dos ribeiros, onde ha porcarias e animas mortas, ia lh'a buscar longe, trazendo-a na sua tigela, escrupulosamente lavada, como para uma rainha. Quando a Tonia aceitava de boa cara estes serviços, já o Russo se entendia muito bem pago. As recusas ou o mau modo, é que eram fundos golpes no seu torvo coração.

Vivia uma vida negra e de sobresaltos continuos. Passavam-lhe incendios diante dos olhos e a sua imaginação ficava a trabalhar em desasossegado. A fatidica *Pedra-suspensa* (essa antiga ameaça!) parecia-lhe, ás vezes, que se ia desprender lá do alto, rolar pelos montes e destruir o mundo inteiro! Oh! visão amedrontadora de todas as existencias!... Só para a afastar, quantas vezes elle consentiu o Chico deitado ao lado da Tonia! A moça fiava a lã da tarefa, cantava ou escutava-o enlevada. O magricellas, o ninguem, de papo para o ar, não tratava da rez. E o desprezado é que fazia o serviço de todos, guiando caridosamente as cabras e as ovelhas para a sombra das ramadas nos grandes calores, e á bebida antes de as recolher. Viviam assim pelos montes, perdidos entre tojaes e piornos, dormindo no verão debaixo das lapas e dos azevinhos. Havendo satisfação reciproca, tambem gostava de ouvir o tocador de flauta, que sabia muitas modas tiradas da sua cabeça. Era feliz nos momentos em que morava longe o ciúme, isso a que não sabendo dar o nome, lhe queimava o peito, como tição ardente. Esquecia o desamor da Tonia n'essas horas gastas em somno tranquillo. A vida era visão suspensa dos ramos dos carvalhos, ou fluctuava brandamente como as folhas outonaes ao sabor d'um murmuro vento. Não havia quilibrios, só desejo de felicidade, socego e gozo, em ventura calypsiaca. Raramente, porém, se passavam dias assim completos de ventura!...

II

Já tinham caminhado meia hora, n'um silencio inconvincente, quando chegaram ao ponto d'onde se descobria a *Pedra-suspensa*. Era o objecto da lenda mais famosa e conhecida nas povoações em redor. Visto de certo lado, aquelle granito, não se lhe encontrava o ponto de repouso, na lage subjacente; parecia um destaque de nuvem, no céu azul. Contavam, sempre em voz de medo, que logo no principio dos seculos, um mau genio e feio gigante, ali a depositara, como eterna ameaça a peccadores; porque a sua queda assignalaria o começo do fim do mundo. A instabilidade da *Pedra-suspensa*, tão reconhecida era, que ninguem duvidava de que uma creança de cinco annos a pudesse derrubar. Grande milagre, não a terem o vento e os trovões arremessado pelos espaços fóra!... O respeito que esse granito infundia, era o de um idolo vingador, ameaçando, dia e noite, as aldeias e o mundo!... Todos os dez annos se formava grande procissão de penitencia, com gente que partia de sitios mui distantes e alli se reunia afim de implorar misericordia. Recebida de tradição essa pratica, executavam-na com fervor d'alma religiosa e temente. Os homens ciliciavam as carnes, as mulheres erguiam clamores, as creanças berravam de amedrontadas, os bacamartes de bocca de sino troavam pelos caminhos e por entre os penedos... tudo para distanciar o castigo pavoroso!...

Depois das preces, ficariam acalmadas as justas cóleras divinas? Ninguem o assegurava. A intangivel creença em que a famosa pedra cahiria, para assignalar enormes desgraças, conservava-se viva e forte. Poucos tinham animo para a encarar tranquilos e serenos. Ninguem ousava aproximar-se-lhe, muito menos tocar-lhe, com medo da responsabilidade n'um cataclysmo. Seria provo-

car inconsideradamente as cóleras do céu. Uma penha que bastaria o roçar d'uma corça para a fazer cahir! Pairava assim no ar, suspensa como uma aguia, por determinação da vontade divina. A não ser isto já as bategas da chuva, o impulso dos vendavaes, o degelo das neves a teriam arrastado. Pois não era um verdadeiro milagre a sua estabilidade?!...

A idéa de a escorar, diminuindo-se as probabilidades da catastrophe, fôra sempre repellida. Significaria desconfiança no alto poder que alli a conservava. Melhor é deixar o destino trabalhar por si. Está lá em cima quem tudo regula. O que tem de ser faz muita força... Pensavam d'este modo em palavras; mas no fundo, n'esse intimo sentir que até parece esconder-se á Providencia, se elles pudessem calçar a pedra para não cahir!... Contra as imprudencias brutas dos gados já se tinham prevenido, as gentes supersticiosas, sebandando-a em volta com ramos e tojos. Porém as aguias, que vinham de longe, no seu vôo arqueado e solemne alli poisar? E os lobos famintos, que preferiam aquelle sitio para comer as suas prêsas? Só milagre e grande milagre é que a sustinha n'aquella direitura. Acreditavam-no camponeses e serranos, todos os que se desbarretavam e persignavam murmurando qualquer reza, mal a viam. Foi assim que procederam a Tonia e o Russo. Ambos quedos, ella com o fuso parado, elle com o barrete na mão, ciciaram orações. Mas o pastor, logo depois ameaçou a rapariga apontando:

—Vê-a? Ha de cahir. O mundo acaba se e tu não serás p'ra mim, nem p'r'o outro.

—A Senhora da Peneda não ha de deixar—disse confiada

—Sou eu que a empurro. Verás.

—Cala-te, hereje, que t'abro a cabeça.

Irada, com os olhos em chamma, arremetteu-lhe com um pedregulho. Havia ancia de raiva dentro do seu peito soberbo. O Russo não lhe pôde supportar a vista de cólera e desprezo; curvou a frente, os olhos marejaram-se-lhe. O seu destino era peor que o dos condemnados do Inferno

—Perdôa, não olhes assim! Tu é que me fazes dizer todos estes peccados.

—Tenho culpa de não teres temor de Deus? Estás na caldeira de Pedro Botelho, vestido e calçado! E é hem feito!—acrescentou vingativa.

O cabreiro queria humilhar se até ao rasteiro das cobras e lagartos, só para lhe merecer uma sombra de perdão. Affligia-o mortalmente a idéa de que mais uma vez desagradara á Tonia. Como, logo adiante a rapariga vendo umas cabras se principiou a afirmar, para descobrir o Chico, foi elle que, no intento de se reconciliar com a pastora apontou:

—Está acolá, em cima do penedo...

—Assobia lhe para vir p'r'aquí.

—Bem nos vê, se quiser.

Mas obedeceu, assobiou com os dedos na bocca. O outro não se importava, apenas mexeu a cabeça conservando-se na mesma posição.

—Vae lá, que vamos p'r'o Guidon,—disse-lhe a moça.

Foi, humildemente, como um podengo. Sentiu gozo em ser mandado; mas de raiva torcia nas mãos a grossa carapuça. Distante, a occultas para esconder a sua fraqueza, limpou duas lagrimas ao canhão da vestia. O outro não queria ir para o Guidon, estava alli muito bem. O Russo pediu-lhe que obedecesse, para a Tonia se não zangar mais.

—Ora...! se 'stou regalado!—respondeu o pastor. Vai tu mais ella.

—Vem, moço—exorou o cabreiro. Olha que ella hoje, sempre te está! Anda, levo-te a rez.

Consentiu o Chico em deixar ir o rebanho; mas elle ficou. A Tonia não se teve. Foi pressurosa tiral o d'aquelle adormecimento. Com ligeiro sorriso de meiguice, pediu ao Russo:

—O' aquelle. Junta-me tambem as minhas, que eu vou trazel-o.

III

E lá foi, doida, feliz, correndo de fraga em fraga. O Russo assobiou ao Rabicho, reuniu todo o gado e partiu... Chorava lagrimas como punhos, e voltava-se para vêr de relance a Tonia, que chamava o Chico, com acenos e gritos. Bem se importava o preguiçoso com aquelle louco amor da rapariga!...

—Eh! moço! vem-te d'ahi p'r'o Guidon.

Elle respondeu-lhe:

—Eh! que 'stou 'qui mui bem.

Tirou do seio a flauta e sentando-se no penedo, principiou a tocar. O sol illuminava-o de frente, prateando-lhe os cabellos negros. O destaque da sua figura magra e enfezada sobre o escuro penedo, fazia-se como o d'uma miniatura em fundo esmaltado. A Tonia chamou-o:

—Já lá vão as tuas cabras, maluco.

Não se importava, encolheu os hombros. A musica absorvia-o completamente, era o seu destino. A pastora, dominada por esse respeito instinctivo e sagrado, que se deve ás coisas elevadas, parou a distancia, para o não interromper. O Russo, que já ia longe, tambem subiu a uma rocha com o fim de ouvir melhor. Escutava triste e absorvido. O seu grande corpo, esbatendo-se no verde-escuro do monte, ainda ensombrado n'aquella parte, percebia-se mal, como as figuras dos baixos-relevos, e tinha a mesma immobillidade captiva. Era moda triste a que o rapaz tocava. Finda ella, a Tonia aproximou-se quasi respeitosa. Para subir ao penedo onde estava o tocador e arrancar-o d'alli, teve difficuldades. A Pedra era lisa e as tacholas dos sócos estavam gastas. Mas agarrou-se a um ramo de carvalho, inclinou-se para diante... Os magnificos e potentes quadris arquearam-se n'uma curva de mulher completa e fecunda, creada nos caminhos pedregosos. O Chico, vendo-a no empenho de subir, largou a flauta, tomou-a pelos braços roliços, attrahiu a para o seu corpo e por momentos ambos ficaram unidos!... O Russo presencava de longe tudo isto. Sahuu-lhe do peito um rugido de cólera e ciúme que fez estremecer as montanhas. Os seus olhos, vermelhos de desespero, viram uma successão de calamidades sem fim, como as descrevem os missionarios para o dia de juizo. A Pedra-suspensa oscillára, já cahia pelos fortes declives d'um mundo em ruinas. Ennegrecera subitamente o céu azul, reuniram-se n'um instante nuvens preches de tempestades, os trovões abriram medonhas gargantas no céu de fogo, as pupillas dos raios rutilavam, as trombetas apocalypticas enchiam de pavor os reconcavos da terra onde se escondiam desgraçados!... Tudo se hia acabar para todos!... O seu corpo miseravel, junto ao de outros reprobos, rolava pelos abysmos. A grita dos homens era pavorosa formando um unisono infernal.

Isto que viu e ouviu n'um instante aquella imaginação turbulenta. Mas o Chico e a Tonia já tinham descido do penedo. Elles lá vinham a caminhar, amorosamente unidos, ella apoiando-se-lhe no hombro. Riam e folgavam, como um casal de pintasilgos em março, resumindo em si todas as venturas sonhadas. Ella offereceu-lhe do seu prego uma racha de bacalhau, que o rapaz aceitou para offerecer ao outro, que era muito pobre, não tendo mesmo, ás vezes, a brôa sufficiente. Logo que se juntaram deu-lh'a.

—Toma—disse.

—Não tenho fome—rejeitou.

—E' a Tonia que t'a dá.

Arrancou lh'a da mão. Estrancinhou-a raivosamente com os dentes, como faria á carne d'aquelles corpos felizes, se os pudesse trincar. Excandido seguiu com os rebanhos, separado dos dois. O semblante sombrio e transtornado, impressionaria quem lh'o encarasse. Os olhos gazeos expelliam chispas metalicas e tinham escurecido de cólera. Os beiços tremiam-lhe como signal da sua loucura. A pastora no momento em que se juntaram escarneceu-o:

—Que feia carranca... Santo Nome!...

O cabreiro voltou-se rapidamente para a aniquilar, com todo o poder da sua força herculea. Porém ao vêr aquelle rosto sereno e risonho, só disse:

—Hoje ha de ser fallado!...

N'um relance pensou na famosa *Pedra*, symbolo de desventuras. Sahuu-lhe do semblante uma expressão feroz; no craneo aninhou-se-lhe a idéa d'um aniquilamento geral de todas as felicidades terrenas.

Mas a rapariga é que não estava de geito para o aturar. Conhecia-lhe a maluqueira de bode raivoso e ciumento. Tinha meio de o curar, sem pau nem pedra: era deixal-o ir só. Um porco bravo assim, um bruto cujo aspecto causava medo, não servia para viver entre christãos. Fosse lá p'r'os lobos, que eram seus iguaes.

Quão differente o outro, o seu querido! Timido e meigo como o cabrito d'um mez, assobiava e cantava modas mais bonitas que as dos melros e rouxinões das mattas. Viver a vida como elle pelos montes, era o mesmo que passar os dias n'um céu. Ensina-tas tantas coisas, que não aprendera!... As cantigas da sua invenção produziam sempre tristeza branda e carinhosa. Descobria nas estrellas sitios de felicidade e apontava-os, convidando-a a voarem para lá. Podiam-se comparar os dois?... O Russo era escamboeiro aspero que rasgava as carnes; o Chico, ramo de giesta, bello, cheiroso, e flexivel. Por isso ella despediu o rude cabreiro, retorquindo-lhe á ameaça:

—Elle é isso?! Pois vae-te sósinho com Deus. Nós levamos hoje o gado p'r'a Ralada.



Chamaram o rabicho e trataram de separar as suas cabras e ovelhas. O Russo, sob o castigo tremendo, mostrava-se submisso em todo o seu corpo. Pedia perdão, não dissera nada mau!... Se alguma palavra feia, se alguma ameaça ou jura a sua bocca cuspira, estava arrependido. Fossem com elle que tomaria conta dos rebanhos todo o dia. A comida para alli era a melhor dos sitios. Encontrava-se tojo tenro, como bicas de manteiga. A herva, apenas nascida, era a unica do appetite do gado. Havia agua corrente para os animaes e até uma fonte para a gente... Aquelle grande corpo, espadaúdo e alto, fazia-se pequeno com a humildade. Uma criança mostraria mais imponencia. As lagrimas cahiam-lhe em cachos e todo elle era uma supplica, de curvado e abatido.

A Tonia foi cruel e inflexivel. Abandonou o, desprezou o como um trapo. Disse que os não acompanhasse para a Ralada, que isso os obrigaria a mudar. Fez-se imperiosa. O seu corpo d'ave, esbelto e franzino, teve colleamentos de panthera. O rosto de santa transformou-se pela cólera. A chamma do olhar e os cabellos mal juntos davam-lhe o aspecto d'uma leão. O cabreiro tremia de medo, a cabeça sobre o peito, os braços pendentes. Separaram-se. Os dois lá foram, acintosamente abraçados. O Russo, desmornada toda a sua existencia, dirigiu-se em passo tropego, adiante do gado, para o destino da sua má sorte!...

IV

Chorou longamente o seu infortunio, p'r'álli, a cara junto á terra. Do fundo mysterioso vinham-lhe palavras infernaes, que o aconselhavam a ser feroz e deshumano. Ergueu-se tendo o coração empedernido. Os seus olhos enxutos, viram nitidamente ao longe a Tonia e o Chico enlaçados, patenteando ás aves o seu amor. Era uma visão graciosa que sahia de entre as lavaredas da collina em fogo! A' sombra da fraga, sobre a qual estava a Pedra-suspensa, os loucos tinham-se ido deitar. Elle tocava flauta, ella contemplava-o, com o fio da roca parado. Justiceira a mão, que para lá os guiou!—pensou na sua rude mente o Russo.

Desencadearam-se lhe diante da phantasia sanguinea todas as tempestades dos seculos sem fim. Só a grande Dôr poderia burilar n'aquelle rude cerebro taes florescencias tenebrcsas. O seu corpo levantou-se n'um desespero formidavel. Um violento fremito rugia no interior da montanha, chegando até ás nuvens. Era a voz torva do seu peito, a soluçar pelos reconcavos da Terra e do Céu!

Ja tombar a Pedra-suspensa—resolveu.

Os seus cabellos ruivos, atravessados pelo sol, faiscavam. Idéas de impiedade e vingança, como lh'as ensinára a religião e o cume, fixaram-se-lhe na frente d'um modo definitivo. A ventura e a bondade não cabiam na sua alma desgraçada, pois em volta tudo era escuridão e rancor. Nem a saudade da serra que estava a florir, nem a conviencia amavel do gado, nem o abandono da mãe cega e pobrissima o detiveram. Não via os outros abraçados n'um gozo sem limites? Palpiando d'amor á face do sol, pensavam acaso nas

ovelhas? Que viesse o lobo e elles não seriam capazes de o perceber!... Aquelle embevecimento reciproco, era um peccado mortal, e nem o temor do inferno os separava! O aniquilamento, a morte rapida era o que mereciam! Clamava do céu vingança, uma tal falta de vergonha.

Por isso ja elle empurrar a Pedra suspensa!

Doido, perdido, correu como um cabreiro, de penedo em penedo. N'aquelle peito arquejante escondiam-se sentimentos de tigre. Era um demônio bruto; porém o instincto e o desespero tornaram-no sagaz. Para ser mais ligeiro e imperceptivel, abandonou os tamancos no caminho. Uma força de vendaval levava o pelo ar. Podiam receber-lhe piedade a desgraça do mundo e a eterna condemnação de todos os homens?! O seu odio absoluto não distinguia a justiça da preverididade.

Já em cima dos penhascos, ao lado do rude instrumento de vingança, olhou em volta. Um leve impulso da sua vontade bastaria para se produzir o formidavel castigo. Conheceu a verdade da lenda:—simple sopro de gente moveria aquelle penedo tamanho como elle! Um resto d'esperança, porém, obrigou-o a reflectir. Deitou-se de bruços, arrastou-se para diante... A cabelleira fulva e farta como uma juba, excedendo o rebordo da lage, appareceu no espaço. Desvairaram-se-lhe subitamente os olhos:—viu com todas as minudencias irrefutaveis, aquelle terno idyllio, que resumia toda a sua desventura. O Chico tinha a cabeça no regaço da pastora. Ella dava-lhe de beber agua fresca pela sua tijela de barro vermelho. Era o quadro da Samaritana, dessedentando o tranquillo Nazareno, junto do poço biblico na velha Palestina. O rosto pallido do rapaz, emoldurado em cabellos pretos, tinha a sonhadora expressão de Jesus. Embebedos um no outro, prolongavam a existencia, na intensidade do sentir!...

Porém elle tambem era homem, tinha direito á felicidade como todo o sêr vivente. Se a Tonia lhe não havia de pertencer, melhor era acabar com a própria vida que lhe não prestava! Havia de elle aniquillar-se, e os outros haviam de ficar n'aquellas serras queridas! Não lh'o aceitava a mente perturbada!.....



Os miseros estavam mesmo por baixo da Pedra-suspensa! A vingança n'aquelle cerebro, tomou forma exacta e real, sem poeira de lendas. Podia esmagal-os, como dois sapos nojentos!... D'esta maneira, acabariam n'um instante duas vidas incompativeis com a sua felicidade. A morte para todos tres era uma solução de suprema justiça. A fé supersticiosa das montanhas tinha-o abandonado; o pobre ficára só, recolhido na sua dôr infinita!

Mesmo de bruços, principiou a recuar. O seu olho calculador e vingativo vira, que impellido o penedo, os dois morreriam, estreitamente unidos, sem tempo para um ai! Havia de ser fulminante esse acabamento como o causado por um raio de cólera divina! Poz-se em pé, sobre a lapa, a parallelo do instrumento fatidico. Veio de novo a

visão sanguinea! O panorama em frente appareceu-lhe envolvido em linguas de chammal! Era o primeiro signal do tremendo castigo, ha seculos esperado! Um impulso de cyclone dominava-lhe o vontade. Decerto era Deus que assim o mandava castigar dois peccadores.

Com a força nervosa e a serenidade d'um illuminado, applicou ao granito o largo e potente dorso. Demorou-se ainda alguns instantes!... Seria indecisão!... Era o gozo de ouvir estranhas vozes de coragem e applauso, bramindo-lhe dentro do eraneo! Em volta, já começava claramente e o desmornamento do universo! E o impavido cabreiro, soltando um ronco selvagem—medonho grito de fera—tombou a Pedra-maldita!

V

Não se descollaram do ultimo beijo os dois ternos amantes. A altura era enorme. No espaço produziu-se um som abafado e largo, que foi de quebrada em quebrada, pulsando até ao coração da Terra! O Russo, conservou-se em cima da lage, firme, contemplativo, como o Stylita. Parecia tomado d'assombro! Os seus olhos de louco, viram pedaços de carne e o sangue atirados para o céu! Aquillo teria sido malvadez?!... Arrependeu-se de subito, ou quiz envolver-se no aniquilamento geral?!... Não poderia sobreviver a tamanho crime, ou eram os demônios que o reclamavam, como sua presa?!...

Aproximou-se resoluto da borda da fraga! Em baixo o mundo cambaleante e confuso, era um grande incendio, surgindo de trevas absolutas. Diabolicas figuras cruzavam os abysmos, á procura de victimas e sinistros. Gritos infernaes sahiam das boccas escancaradas dos pincares, como jactos de lava! Olhos vermelhos de demônios fixavam-no ironicos e cubicosos! Abriu os braços n'um gesto de supplica e perdão, atirou-se ao espaço como um abutre de amplas azas e o seu grande vulto, rolando pelo ar, parecia vir da eternidade, na primitiva condemnação! Sobre a mole granitica impellida pelo seu desespero, esmagaram-se-lhe as carnes e os ossos! O sangue espirrou, tingindo de vermelho a relva circumdante. Era tudo quanto restava, d'uma paixão desesperada e selvagem!...

A manhã de primavera, tranquilla e sumptuosa de luz, alegrava montes e campinas. Enfeitavam as encostas, o codeço e o tojo rebentados d'entre as penhas, cuja negrura avivavam d'amarello. As myriades de flôres dos urzaes, formavam tufo d'aljofares d'amethystas nas aridas córgas. O feto novo era como uma extensão de relva, pelo seu verde claro. O modesto trevo e o alegre malmequer, salpicavam a terra. Gostas d'orvalho como lagrimas, rebrilhavam penduradas das flôres da giesta. As mattas silenciosas iam acordando com o gorgeio dos passaros. Nos fundos abysmos das montanhas, formavam lagos os pardacentos nevoeiros. Passado o primeiro momento de susto, os rebanhos continuaram a retouçar naservas, diante da gloria do sol deslumbrante as aguias paravam magestosas, ao longe sobre os mais altos cumes. Toda a natureza palpitava e se engrandecia, sob a acção impulsiva do calor. Nas serras, nas brandas, nos ribeiros, nos cabeços, nos valles... uma tranquillidade pathetica de vida natural. Sobre os telhados das aldeias levantavam-se os fums domesticos, brandamente, como fumo de incenso sobre os altares. Em volta a muda altivez da soberba e impassivel montanha!...

Só uma voz lamentosa se ouvia na socegada amplidão: era a do rafeiro, o amavel Rabicho, que em redor da Pedra, chorava a pobre Tonia.

E chorava a cortar a alma, como se fôra um christão, ganindo, uivando, aos saltos em volta dos cadaveres!... Amavel rafeiro, pobre Tonia, desgraçados amantes!... Ah!...

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

Retrato de Pinheiro Chagas

Para attender a varios pedidos que tivemos, mandámos fazer uma tiragem em separado do retrato grande de Pinheiro Chagas que publicámos em o n.º 587, achando-se á venda nas livrarias e no nosso escriptorio.

Preço 100 réis, franco de porte de correio.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches, Rua Nova do Loureiro, 25 a 37